Alguma luz no fim

AGROANALYSIS quis saber de oito dos representantes brasileiros em Seattle sobre suas expectativas para o futuro depois do encontro. O saldo é visivelmente encorajador. Fala-se em identificar interesses comuns para reduzir barreiras tarifárias, fala-se em detectar novos mercados importadores, assim como reafirma-se a convergência de interesses do agronegócio e autoridades brasileiras. A semente, pelo visto, está lançada em bases sólidas. A OMC não será a mesma para os brasileiros depois de Seattle.

A rodada que virou roubada

Tudo foi feito, pensado e dito para influir a favor do Partido Democrata nas eleições de 2000

ADEMERVAL GARCIA

O primeiro dever do Príncipe
é permanecer no poder.
(Maquiavel)

O que aconteceu em Seattle estava de alguma forma previsto. A cidade seria palco de manifestações de inúmeras ONGs e a possibilidade de o encontro resultar numa nova rodada de negociações no âmbito da OMC era sabidamente remota.

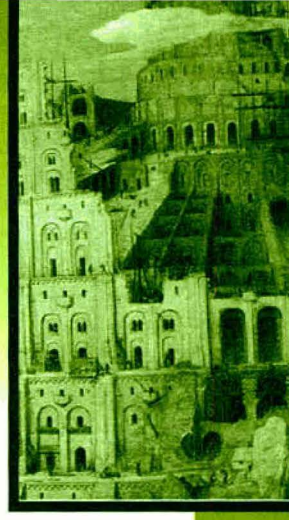
A rodada que não houve

A diferença é que todas essas perspectivas foram muito ampliadas. As ONGs foram mais de 700, do mundo inteiro, com atuação especial dos sindicalistas americanos.

Graças a falhas na proteção dos locais de reunião e de trânsito das delegações, as manifestações tomaram conta da cidade. A repressão que se viu talvez tenha ficado mais por conta de uma desforra das autoridades locais, querendo mostrar serviço depois de ter demonstrado tamanha incompetência, do que da provocação dos manifestantes. Foram manifestações em geral pacíficas, até engraçadas na maioria dos grupos: muitos músicos, mágicos e saltimbancos e até algumas eletrizantes aparições *topless*.

Não chegando a um acordo para instalar a chamada

do túnel



Rodada do Milênio, a OMC não foi capaz sequer de redigir um documento de intenções futuras. A maioria das delegações queria mesmo era cair fora da cidade, pois outros príncipes, em outros países, poderiam sair chamuscados. A rodada do Milênio virou então, no colorido jargão de nossos adolescentes, a *roubada* do milênio.

Assim falou Maquiavel

Tudo em Seattle foi feito, pensado e dito para influir a favor do Partido Democrata nas eleições de 2000. Era preciso elogiar os manifestantes, agradar os sindicalistas, fornecer à imprensa matérias positivas, aparecer como guardião dos direitos humanos (no país dos outros), ser favorável ao livre comércio de interesse dos países pobres, que mantêm lá um número considerável de eleitores.

A OMC, a perspectiva de rodada e o futuro do comércio mundial serviram apenas como pano de fundo. Até a coragem de visitar a cidade no meio de toda a confusão esperada fazia parte do *show* e funcionou perfeitamente. Portanto, o Príncipe fez a sua parte e deixou a cidade e seus problemas para as autoridades locais pacificarem e resolverem.

A repressão que se viu talvez tenha ficado mais por conta de uma desforra das autoridades locais, querendo mostrar serviço depois de ter demonstrado tamanha incompetência, do que da provocação dos manifestantes.

Deixou também a rodada para outro local e momento – que dela cuide quem dela pretende obter acesso aos mercados do hemisfério Norte, especialmente dos próprios Estados Unidos. Maquiavel ficaria orgulhoso.

Mobilização brasileira

Apesar de tudo, podem ser contabilizados alguns resultados positivos para o Brasil.

Notou-se a presença de três ministros de Estado (Relações Exteriores, Agricultura e Desenvolvimento), pelo menos um secretário estadual (Agricultura, de São Paulo) e de uma quantidade expressiva de diplomatas em postos destacados e funcionários graduados do governo. O Congresso estava representado pelo menos por nove deputados. Empresários vários, embora quase exclusivamente do agronegócio.

Tudo isso traduz uma crescente consciência da importância do comércio internacional para a economia brasileira. Denota também que o governo está sensível à demanda da nação produtiva de mais acesso a mercados como forma de criação de empregos e de recuperação econômica do país.

Seja qual for o rumo que a OMC venha a tomar, a mobilização brasileira deverá certamente continuar. Foi construída literalmente no campo de batalha.

Importância proporcional

Ouve-se sempre dizer que o futuro das negociações multilaterais não é animador e que daqui para a frente só poderão ser obtidos resultados concretos em negociações bilaterais.

Não creio que as coisas devam ser colocadas dessa forma. As negociações multilaterais favorecem pequenas economias como a nossa, que sempre podem se beneficiar de acertos de conveniências entre os grandes, como ocorreu nas rodadas anteriores. Negociações bilaterais exigem uma força de que as pequenas economias não dispõem.

Talvez a solução, nos próximos anos, seja intermediária: acordos entre blocos econômicos como Mercosul-União Européia e Alca, onde nossa importância relativa passa a ser maior.

Citricultura: menos barreiras como meta

O setor de suco de laranja vai continuar atuando em várias frentes. Estaremos juntos em todos os foros onde o Brasil participar de negociações multilaterais ou entre blocos econômicos.

Continuamos interessados em acordos bilaterais, como o que o governo recentemente negociou com a China, trazendo a tarifa de 70% para 15%. Procuraremos identificar interesses empresariais nos países importadores que possam nos ajudar a reduzir barreiras tarifárias e não tarifárias, como recentemente conseguimos na Rússia, baixando a tarifa de 15% para 5%.

Nosso setor é exclusivamente exportador, não dispomos da alternativa do mercado interno. Portanto, somos aliados permanentes do governo nessas tratativas, pois precisamos continuar crescendo além dos 400 mil empregos que mantemos e do US$1,5 bilhão de exportações que geramos.

A citricultura tem ainda um enorme potencial de crescimento e precisamos de mercado para sustentar essa evolução, com preços remuneradores para toda a cadeia produtiva – o que só se consegue reduzindo as barreiras nos países importadores.

Ademerval Garcia é presidente da Abecitrus.